

Ser ou Não Ser (Grupanalista), Eis a Resposta

Autor:

Paulo Motta Marques
Psicólogo Clínico. Grupanalista
paulo.motta.m@portugalmail.pt

Resumo

Este artigo pretende reflectir sobre o que é ser grupanalista, abordando alguns aspectos da experiência e pensamento do autor, nomeadamente a relevância da personalidade do analista e dos aspectos contratransferênciais, para a evolução da análise. Refere-se ainda à importância de se pensar a grupanálise como, cada vez mais, uma teoria e técnica de primeira linha, numa sociedade global e em constante transformação.

Palavras-chave: Grupanalista; Identidade; Vínculo; Pessoaalidade; Contratransferência

Abstract

This article aims to reflect on what is a group analyst, covering some aspects of experience and thought of the author, including the relevance of the analyst's personality and countertransference aspects for the evolution of the analysis. Refers to the importance of considering group analysis as, increasingly, a theory and technique of first line in a global society and constantly changing.

Keywords: Group-analyst, Identity, Bond, Personality, Countertransference

Perguntaram ao Dalai Lama...

“O que mais o surpreende na Humanidade?”

E ele respondeu: *“Os homens... porque perdem a saúde para juntarem dinheiro, depois perdem o dinheiro para recuperarem a saúde. E, por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem-se do presente, de tal forma que acabam por não viver, nem o presente, nem o futuro. E vivem como se nunca fossem morrer...e morrem como se nunca tivessem vivido.”*

Em “Édipo Rei”, de Sófocles, a Esfinge pergunta a todos os que passam o quebra-cabeças mais famoso da história, o enigma da Esfinge, “decifra-me ou devoro-te: O que é que tem quatro pés de manhã, dois ao meio-dia e três à tarde?”

Ela estrangulava quem não tivesse a resposta certa. Aliás, a etimologia da palavra esfinge, deriva do grego *sphingo*, que quer dizer “estrangular”. Como sabem, Édipo resolveu o quebra-cabeças e deu a resposta certa.

Estes dois exemplos que comecei por referir, o primeiro, uma citação e o segundo, uma alusão à mitologia grega, vieram-me à mente na preparação e elaboração deste trabalho.

Há algum tempo, quando falava com uma colega sobre o tema desta apresentação “Ser ou não Ser (grupanalista), eis a resposta”, ela disse-me espontaneamente: “Ah, então tu tens a resposta!” Isto deu-me que pensar...senti um certo aperto na garganta, seria a Esfinge? Será que tenho alguma resposta? Julgo que não! Não tenho nenhuma resposta definitiva. O que refiro nesta apresentação é um conjunto sistematizado de ideias, que me parecem reflectir o que é ser grupanalista.

A referência do *Dalai Lama* reenvia-nos para a importância do presente. É este presente que o grupanalista trabalha com o grupo e os seus analisandos, revivendo situações do passado genético-evolutivo e os desejos e as expectativas futuras de cada um. É através da interacção dos diferentes elementos do grupo, permitindo a quente e em directo (*on-line*), a dramatização dos papéis e de todos os elementos transferênciais, que vai permitir a integração e a elaboração do sujeito e do grupo em níveis de funcionamento mais diferenciados e amadurecidos.

A grupanálise é um processo de interacção de diferentes identidades e processos de identificação. Aqui, estão presentes, e entrecruzam-se dialecticamente, a identidade dos analisandos, do grupo, do grupanalista, e da grupanálise como teoria e como técnica. Estas diferentes componentes, em constante articulação, irão determinar o processo terapêutico-grupanalítico.

A grupanálise constitui um espaço, uma técnica de excelência para o enfoque nos processos de identificação. O *setting* grupanalítico organiza um espaço de intervenções dinâmicas entre os diversos elementos do grupo que permite a manifestação das vicissitudes do *self* e da reconstrução do mesmo, através da perlaboração da neurose de transferência que ocorre no contexto da interacção matriz-padrão.

Considero aqui também importante, o conceito e a técnica do “*ego training in action*” (Foulkes, 1975).

A grupanálise é um espaço privilegiado para a expressão dos níveis de identificação/identidade, dos analisandos, e a sua organização progressiva em níveis mais elaborados.

A perlaboração é uma das componentes do processo psicanalítico e grupanalítico, é um instrumento da própria técnica do analista e com características específicas quanto à sua natureza e função.

É então neste espaço, real e imaginário, nesta sala de espelhos que distorcem a imagem devido à gama múltipla de projecções que ocorrem no grupo, que o processo analítico se desenvolve e os elementos do grupo se recriam na emergência progressiva de uma imagem mais focalizada, consonante com um sentido de identidade mais organizado.

Também o grupo, no seu todo, vai evoluindo ao longo da análise, criando uma certa identidade com características específicas daquele grupo e não de outro, com a sua linguagem própria, caprichos, rituais, etc.

Esta identidade do grupo como um todo, é resultado e reforça as identidades dos elementos do grupo.

E o grupanalista? E a identidade do grupanalista? E o ser grupanalista?

A identidade do grupanalista constrói-se na interacção com a identidade pessoal (também esta trabalhada na sua análise), supervisão, como supervisor, formação teórico-clínica nomeadamente adquirida no curso de formação, com os seus movimentos de identificação aos formadores, etc.

Ser grupanalista é assumir a importância e relevância para a organização da personalidade, e para as suas perturbações, das relações de objecto e/ou das diferentes configurações vinculares, internas e externas, que impregnam e envolvem o sujeito desde o início do seu desenvolvimento (e mesmo antes, na sua idealização), até às relações actuais.

O sujeito constrói-se a partir do outro, a partir do grupo. Para haver um indivíduo é necessário um outro que o constitua.

A relação mãe-filho, não só constitui um grupo como é a “mãe de todos os grupos”.

De uma certa maneira, mesmo a psicanálise, dita individual, é feita num grupo de dois, com todos os objectos que povoam o mundo de ambos em constante interacção.

Mas a grupanálise (ou a psicoterapia-analítica de grupo), implica um paradigma próprio, e é neste que o conceito de análise em grupo adquire a sua verdadeira dimensão, através de uma teoria e técnica que lhe é própria.

Gostaria de relevar aqui o interesse, a meu ver, da reflexão que podemos fazer sobre a importância da teoria da vinculação para a psicanálise e grupanálise, nomeadamente no que respeita à precocidade da vinculação, à sua qualidade e impacto do real externo no desenvolvimento individual.

Bowlby (1969) procura fundamentar a sua conceptualização teórica, integrando num contexto evolucionista princípios da psicanálise, etiologia e biologia.

Utilizou métodos de observação directa dos comportamentos individuais e de interacção familiar, relevando a importância fundamental dos primeiros acontecimentos e experiências do real externo no desenvolvimento pessoal e nas suas possíveis perturbações.

Este aspecto do impacto do real externo, e não somente no plano do fantasmático, na relação desenvolvimental do sujeito, é consonante com a importância que alguns psicanalistas, hoje em dia, atribuem à figura real do analista.

Bowlby centrou-se na relação primeira com a figura materna, as consequências da separação e a necessidade primária da vinculação, postulando a existência de uma pulsão de vinculação diferente das pulsões libidinais referidas por Freud. Posteriormente, Bowlby, numa concepção mais alargada, considera o comportamento de vinculação como qualquer acção de um indivíduo, no sentido de procurar e manter a proximidade (e segurança) com outro, considerado, de algum modo, mais seguro face às situações. Este último aspecto tem implicações na compreensão e técnica psicanalítica, nomeadamente na relação terapêutica.

Com esta dimensão do conhecimento sobre os processos de vinculação, o analista poderá estar mais centrado em certos aspectos do processo analítico tais como a análise da transferência e da contratransferência no contexto da vinculação, importância atribuída aos movimentos do analisando às situações de separação – reencontro e factos reais relatados pelo analisando nas sessões.

Parece-me que esta perspectiva tem de facto o seu lugar ainda que não deva ser demasiado expandida de forma a poder cair-se na posição radicalmente contrária de não se considerar como relevante o plano da fantasia e as suas distorções do real, dito objectivo.

O contexto terapêutico (e analítico nos seus diversos domínios) proporciona a activação do sistema de vinculação uma vez que um sujeito (ou conjunto de sujeitos) procura um outro supostamente mais sabedor que o poderá ajudar nas suas angústias e de algum modo proteger. Considero que a teoria da vinculação é uma das teorias que contribui para a compreensão e sobretudo investigação na psicanálise e na grupanálise.

É na grupanálise que o grupo interno ao sujeito e o grupo grupanalítico interagem na investigação do ser.

Ser grupanalista não é só uma profissão (aliás, nem formalmente o é ainda), é uma forma de pensar o sujeito, de se pensar a si próprio e de fazer análise através de um dispositivo que é o grupo. Não é só ter o grupo que faz o grupanalista. Possivelmente, pode-se começar um grupo com um ou dois elementos e, depois, ir “preenchendo” este dispositivo, até um número de elementos capaz de potenciar todas as características da dinâmica da grupanálise.

Entendo a grupanálise como um terreno no qual se tornam claros os diferentes tipos de vínculos que caracterizam os diferentes elementos do grupo, nas suas dimensões intra e inter-pessoal, manifestando-se estes de uma forma simultânea e de acordo com a dinâmica da análise, surgindo uma ou outra dimensão de uma forma mais evidente.

Conforme refere Waldemar Fernandes (2003) os indivíduos relacionam-se através de modelos de vínculos que são as matrizes vinculares. O bebé na interacção com o mundo externo, introjecta estruturas vinculares, que configuradas como fantasias inconscientes, vão organizar o carácter.

Na grupanálise os vínculos, analista-analisando e dos analisandos entre si, são activados e estabelecem-se por intermédio de diferentes tipos de comunicação, nomeadamente a verbal e a não verbal.

No grupo, emergem diferentes vínculos (intra e inter-pessoais), despontando configurações vinculares de diversos tipos, e também por isso, fazer análise com um ou outro grupanalista (e grupo) não é a mesma coisa.

Ao vínculo especial e único que se estabelece entre analisando e analista alguns autores norte-americanos designam como *match* (encontro), algo para além somente dos aspectos transferênciais. Julgo que esta visão também pode ser estendida ao grupo tornando cada um diferente e único.

Ao longo da análise vão-se reformulando certas configurações vinculares, internas e externas, dando lugar a vínculos mais elaborados ou saudáveis.

No que respeita ao conceito de matriz do grupo, Cortesão (1989), definiu-a como uma “rede específica de comunicação, relação e elaboração...” e César Dinis (2000) como uma “rede de comunicação, relação e transacção emocional”, referindo que no seu entender estas transacções podem ser aquilo que se designa por vínculo, na dimensão intersubjectiva.

A matriz grupanalítica à luz do paradigma vincular, e como eu a entendo, pode ser vista como uma matriz plurivincular grupanalítica, ou seja, uma rede dinâmica de interacções entre os elementos do grupo constituída, pelos vínculos intrapessoais e interpessoais, estes últimos considerando a ligação aos objectos reais externos.

A grupanálise, segundo o modelo vincular-dialéctico (Zimmerman, 2005), prioriza os vínculos e a relação, para além da interpretação propriamente dita, aquilo que se poderia designar por uma “análise de proximidade”.

As configurações vinculares que surgem dramatizadas no grupo, na relação de uns com os outros (inclusive o grupanalista), reenviam para a matriz introjectada de cada um dos elementos do grupo, permitindo um “acesso em directo” ao seu mundo de relações objectais, e capacidade de estabelecer vínculos.

Um dos aspectos importantes do modelo vincular-dialéctico é o da figura real do analista. Aqui a personalidade do analista ganha relevo.

Na relação pais-filhos, o que é realmente importante, não são os conhecimentos de psicologia do desenvolvimento ou as técnicas de educação, mas sim a personalidade dos pais na relação com os filhos. Ora este vértice pode também ser lido na relação do analista-grupo-analisandos.

A relação analítica ocorre antes de tudo no contexto de uma relação humana, e este aspecto confere um sentido particular a esta interacção. Assim, a personalidade do analista, que se manifesta no estilo, presença, carácter e diferentes formas de comunicação, introduz o colorido e a alma no processo analítico. Talvez também o modo como os aspectos da personalidade do analista vão aparecendo na análise, sejam um barómetro de como esta se está a desenvolver.

Esta temática da personalidade do analista tem sido abordada, entre nós, por vários trabalhos e reflexões de, Azevedo e Silva, César Dinis, Cruz Filipe, Guilherme Ferreira, Isaura Neto, Sara Ferro, entre outros, tendo sido também tema do VI

Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia de Grupo/IV Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupanálise, realizado em Lisboa em 2001.

Mas o impacto da figura real do analista e da sua personalidade na relação vincular, podem implicar perigos para a análise. Isto dependerá de diversas variáveis, entre as quais a -personalidade do analista, e que poderá ecoar, por exemplo, nos estilos interpretativos. Um estilo mais superegoico, pedagógico, doutrinário ou narcísico (Zimmerman, 2005), poderão contaminar a livre evolução no analisando e mesmo em certas situações, serem francamente manipulatórios. Ou ainda facetas da inveja do analista insuficientemente analisadas poderão distorcer a percepção deste, contaminar o padrão grupanalítico e levar ao agir do próprio analisando.

A forma como o analista lida com estas partes e outras, e até o reconhecimento de áreas cegas em si, reflecte-se na singularidade das relações que estabelece com os analisandos e com o grupo, e na forma como consegue, ou não, analisar estas áreas nos mesmos.

Também a contratransferência implica directamente o analista no processo analítico.

No dia-a-dia da sessão grupanalítica e no espaço inter-sessões emergem em mim, os sons, as imagens, o silêncio, as palavras dos membros do grupo, o pulsar da matriz interage com os meus objectos internos e configurações vinculares. Não sou, nem posso ser, obviamente, neutro. O caminho dos analisandos cruza-se com o meu, as suas alegrias e seu desespero ecoam dentro de mim. A contratransferência está, em parte, na génese dos pensamentos e sentimentos do analista, no que respeita à intuição, ao insight e outros aspectos, assim como no respeitante a certas interpretações na transferência.

É de relevar assim a importância de uma contratransferência analisada para a manutenção, por parte do analista, de vínculos que fomentem o crescimento psicológico dos sujeitos.

Ser grupanalista é talvez no fundo uma profissão do impossível, dada as múltiplas variáveis com que tem de lidar e nas quais está completamente implicado, podendo interferir na sua própria vida pessoal e em outras facetas da sua vida profissional.

Dou muitas vezes por mim, fora da minha actividade analítica, numa atitude de contenção, de compreensão (mesmo analítica), em contextos diferentes, e em que a minha personalidade fica talvez um pouco condicionada.

No entanto, considero que a formação grupanalítica/psicanalítica potencia a intervenção em diferentes áreas da vida, fruto da introjecção da função analítica, da capacidade adquirida de pensar.

Ser grupanalista implica, hoje, lidar com um mundo global, onde impera o imediatismo e onde não há tempo nem paciência para um trabalho de reflexão demorado. O grupanalista deve adaptar-se e estar disponível face às mudanças sócio-culturais e denotar uma abertura com outras áreas da ciência e da tecnologia, mas não abdicar, alienando-se, dos princípios fundamentais da prática analítica. Esta requer tempo, paciência, capacidade de lidar com a frustração, e todo um conjunto

de investimentos que irão produzir os seus frutos ao longo do tempo.

Hoje em dia as relações são menos estáveis, existe maior facilidade nas separações, e isto é transmitido transgeracionalmente. Resiste-se, também, pouco, à não satisfação imediata do prazer e existe uma menor responsabilização pelos compromissos assumidos. Há um imediatismo, um apelo sistemático ao consumo de produtos e de prazer, à presença, não se aprende a lidar com a ausência, não se elabora a ausência. No mundo da internet, estabelecem-se relações virtuais, ama-se e sofre-se com relações em que as pessoas nunca se conheceram em “carne e osso”. O virtual confunde-se com o real, onde estão as fronteiras? De que modo o mundo virtual alimenta o narcisismo?

No entanto, estas novas formas de comunicação e relação trazem seguramente mais valias. Tudo é mais próximo, os contactos alargam-se e comunica-se mais rapidamente. As pessoas são facilmente protagonistas da sua própria comunicação. E também, nesta rede, as pessoas relacionam-se, sobretudo em grupo.

Outro dos aspectos dos tempos modernos está na ameaça do terrorismo, com a destruição em grande escala. Aqui, a angústia de morte é despoletada por esta nova possibilidade e por alguns dos acontecimentos que realmente já aconteceram. Como deve o grupanalista, na grupanálise, lidar com tudo isto?

Gosto de estar em grupo, tenho prazer na comunicação em grupo, seguramente que emergem neste, sentimentos e expressões de ódio, dor, inveja e ciúme, competição, mas também de ternura e de amor. E isto é a riqueza do Ser Humano.

A convicção do grupanalista, na grupanálise, é um factor crucial para o desenvolvimento desta, quer ao nível das suas várias aplicações institucionais, quer na prática privada. Já Zimmerman em 2000, apontava causas internas e externas às grupoterapias (nas quais eu incluo aqui a grupanálise), para algum declínio genérico que ocorreu nesta metodologia nos anos 70, 80 e 90. Como causas externas, refere a relação, muitas vezes conturbada, com a psicanálise e a sua instituição; e como causas internas, por vezes, provindo dos próprios grupoterapeutas, uma postura menos assumida de alguns destes, não valorizando suficientemente esta intervenção como uma verdadeira análise, de primeira categoria. Estes aspectos, entre outros, podem contribuir, segundo Zimmerman, para uma maior fragilização da intervenção analítica em grupo. Adianta ainda que é necessário que os grupoterapeutas reflectam profundamente nestes aspectos, promovendo para este efeito discussões e grupos de reflexão.

Mas, muito trabalho tem sido desenvolvido nesta área. Referindo-me, por exemplo, à Sociedade Portuguesa de Grupanálise, vários colegas têm trabalhado intensamente ao nível nacional no desenvolvimento da grupanálise e na defesa da identidade grupanalítica. De lembrar que a este respeito a Sociedade Portuguesa de Grupanálise tem um modelo analítico próprio que caracteriza a grupanálise e uma formação séria e muito exigente. Também ao nível internacional vários colegas têm-se empenhado de forma marcante, de que são exemplos a organização deste e de outros congressos, e também em organismos como a GAS, EGATIN, EFPP e outros (também ao nível dos seus órgãos directivos), contribuindo para o conhecimento da psicoterapia analítica de grupo, da grupanálise e suas aplicações, e nomeadamente

no desenvolvimento de investigação a este nível.

Ser grupanalista é um longo caminho, ser analista e analisando é ir ultrapassando e lidando, com os obstáculos que povoam este caminho.

Neste sentido, e para colmatar a prosa, permitam-me que termine com um poema de Carlos Drummond de Andrade que, de forma aparentemente tão simples mas tão intensa, nos lembra que as pedras fazem parte do caminho:

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida das minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Obrigado

Bibliografia

- Aragão R (2000) Do vínculo às relações sociais: Aspectos psicodinâmicos. *Análise Psicológica*. 2 (XVIII). pp. 157-170. Lisboa.
- Bowlby J (1969) *Attachment and Loss*. Hogarth Press. London.
- Bowlby J (1980) *Attachment and Loss*. Basic Books. New York.
- Cortesão EL (1989) *Grupanalise – Teoria e Técnica*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Dinis C (2000) Da Comunicação à Interpretação em Grupanalise. *Revista Portuguesa de Grupanalise*. 2, pp. 23-30. Fim de Século. Lisboa.
- Fernandes W, Svartman B, Fernandes B & Col (2003) *Grupos e Configurações Vinculares*. Artmed Editora. Porto Alegre.
- Foulkes SH (1964) *The Therapeutic Group Analysis*. Ed. Karnac, London.
- Foulkes SH (1975) *Group Analytic Pschoterapy, Method and Principles*. Ed. Karnac, London.
- Zimmerman D (1995) *Bion: da teoria à prática*. Artmed Editora. Porto Alegre.
- Zimmerman D (2004) *Manual de Técnica Psicanalítica- uma re-visão*. Artmed Editora. Porto Alegre.
- Zimmerman D (2005) *Psicanálise em perguntas e respostas*. Artmed Editora. Porto Alegre.